

1) Quem é o homem?

Este ano gostaria de realizar uma série de capítulos dedicados ao sentido de humano que São Bento exprime na sua Regra; Capítulos em busca do tipo de humanidade que São Bento, seguido dos padres cistercienses, almejavam cultivar em cada um de nós. Qual é a visão do homem segundo São Bento? Qual é a sua visão antropológica? Como se aprender a "ser um homem"? Em que modo a pedagogia de São Bento é orientada para a unificação do nosso ser em todas as suas dimensões?

Penso à bela expressão que São Bento usa a propósito do acolhimento dos hóspedes, no capítulo 53 da Regra. Ele diz que é necessário testemunhar à eles "toda humanidade possível – *omnis humanitas*" (RB 53,9). O que significa essa humanidade total, inteira, que deveria passar da nossa experiência monástica aos outros que encontramos e ao mundo externo? Esta é uma pergunta muito importante, porque diante do empobrecimento humano do homem contemporâneo, aquilo que somos e que frequenta nossos mosteiros, diante da multidão de pessoas que vive uma humanidade "reduzida", desorientada, descentralizada, arruinada, ferida, é urgente para cada um de nós e para todos juntos, entender bem o que está em jogo, a nível humano, do carisma de S. Bento. Creio que se a Regra de São Bento sustentou-se tão bem por 15 séculos e permanece atual para o homem do séc. XXI, isso não se deve ao fato que nos dá a imagem correta e verdadeira de Deus, mas ao fato que nos oferece a imagem certa e verdadeira do homem.

Esta pesquisa não é teórica. Tem como objetivo que cada um de nós possa viver a sua vida monástica com toda a sua humanidade e se deixe conduzir pela *conversatio* monástica segundo S. Bento, isto é, da vida monástica inspirada por ele à plenitude de humanidade que todos somos destinados. Não comprometer toda nossa humanidade na *conversatio*, na conversão de vida que pede a nossa vocação, equivale a impedir ao carisma beneditino de mostrar toda a sua extensão e de dar todo o seu fruto em nós mesmo e através de nós. De fato, justamente esta é uma das características mais importantes do carisma de São Bento: aquela de comprometer para Cristo toda a nossa humanidade, consentindo assim a Cristo de dar a vida ao homem inteiro que somos e devemos nos tornar.

Ora, qual é o dado fundamental que impulsiona um ser humano a deixar-se questionar pelo caminho proposto na Regra de São Bento? Muitas vezes tive oportunidade de sublinhá-lo: é o desejo de vida. Não é por acaso que a primeira menção do termo "homem – *homo*" na Regra é a citação de um versículo do Salmo 33, que se torna a pergunta fundamental colocada àqueles que se apresentam ao mosteiro: "Quem é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (Prol 15; Sl 33,13).

"Quem é o homem – *Quis est homo?*". Não "*quid est homo*: o que é o homem", mas "*quis: quem* é o homem". A ênfase é colocada em uma identidade, não em uma questão filosófica ou estrutural. São Bento, e Salmo 33 antes dele, não procura uma definição: procura alguém. Não quer uma filosofia ou uma ideologia sobre o homem: quer o homem, a pessoa, uma presença.

E quando se encontra alguém? Quando se encontra um homem, uma pessoa? Se encontra-o quando se encontra o seu desejo, quando se encontra um homem que deseja a vida e a felicidade, que deseja uma vida feliz, uma vida em plenitude. O anjo que aparece a Daniel fala com ele, chamando-o, na tradução da Vulgata, "*vir desideriorum* - homem dos desejos" (cfr. Dn 9,23; 10,11 e 19).

São Gregório nos narra em seus Diálogos que toda a aventura espiritual de São Bento começou com um potente desejo de Deus que tomou o lugar do desejo mundano. O jovem Bento deixa Roma no início de seus estudos, "*soli Deo placere desiderans* - desejava aprazer somente a Deus" (Prol.). E quando o monaco Romano encontra-o no momento, no qual, S. Bento não somente deixou Roma e os estudos, mas também sua ama de leite, lhe pergunta, literalmente, "a que estava propenso - *quo tenderet*" (cap. 1). Bento, então, revela seu desejo secreto, do qual, Romano se tornará por um certo tempo, guardião. Gregório escreve: "Quando [Romano] conheceu seu desejo, não somente manteve o segredo, mas ofereceu sua ajuda: foi ele a dar à Bento o hábito da santa vida; e por quanto lhe foi permitido, o serviu".

O jovem Bento, recebeu, portanto duas graças: um grande desejo de Deus e de vida Nele, e um pai que levou a sério este desejo, o manteve em seu coração e ajudou Bento a abandonar-se ao mesmo, em toda a liberdade, para que este desejo pudesse realizar-se. No fundo, Bento encontrou em Romano um homem que levava a sério a exigência mais profunda e mais preciosa de seu coração e, de consequência, levava a sério a sua humanidade. Levou a sério o coração de Bento, seu coração feito por Deus e que não encontra descanso, se não descansa Nele (cfr. Santo Agostinho, *Conf. I, 1*).

Como Romano levou a sério o desejo profundo do coração de Bento? Romano não lhe pregou um retiro espiritual: levou-lhe o pão necessário para sobreviver. Tomou conta dele como uma mãe do próprio filho, deixando a Deus cuidar do resto diretamente no coração de Bento.

Tenho a impressão que foi através do testemunho do monge Romano, que se deu ao cuidado de ir, regularmente, levar o pão ao jovem eremita, que Bento fez a primeira experiência forte do que significa ser "humano". Muitos anos depois, quando Bento escreverá na sua Regra que se deve testemunhar aos hóspedes "toda humanidade possível" (RB 53,9), é como se lembrasse da humanidade caridosa e fiél de Romano, que tinha tomado conta de suas necessidades materiais e alimentícias, para que pudesse ir ao fundo de seu desejo de Deus.

Há neste episódio e neste período chave do caminho de S. Bento algo como uma síntese de tudo aquilo que será a experiência beneditina: um levar a sério o desejo de Deus que habita o nosso coração, que não esquece a humanidade inteira da pessoa. Um levar a sério o coração de um homem que chega até ao levar a sério todo o homem, incluindo seu estômago. Um amor do coração que chega até ao amor do corpo. E um cuidado do corpo que chega até ao cuidado da alma.